

São Paulo, 450



Cidade mutante

Mais uma boa referência na atual safra de publicações sobre os quatrocentos e cinquenta anos de São Paulo é o livro de Roberto Pompeu de Toledo, *A Capital da Solidão*, da Editora Objetiva. Trabalho de jornalista pouco afeito aos academicismos, mas cioso do seu ofício, prato leve e saboroso, mas recheado de muita e boa informação histórica, ele fornece uma visão aguda e instigante do longo período de gestação da metrópole paulista, de 1554 a 1900. Com isso, fornece o fundo do espelho onde a cidade contemporânea pode mirar-se para descobrir-se inteiramente diversa do que foi nas origens.

Pompeu de Toledo mostra que por mais de três séculos e meio São Paulo viveu no abandono e na solidão do planalto. Um povoado de vida sem graça, no registro de estudantes e poetas conhecidos como Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, ou fotógrafos pioneiros como Militão e Ferrez. Uma sociedade entrevada à espera de um destino libertador.

Esse destino chegou no final dos anos 1900, metido em sacas de café e trazido por vagões de trem. Foi só na virada do século XX, que a letargia deu lugar à euforia do

café. A cidade começou a mudar. Mas, na ânsia de recuperar o tempo perdido, a velha Paulicéia mudou tanto e tão rápido que acabou de ponta cabeça.

Militão Augusto de Azevedo - Capivara, 2001, p. 138



Rua do Carmo, 1860-1870 – Neste flagrante de Militão vê-se uma das mais movimentadas ruas do velho centro paulistano no século XIX; à esquerda, a igreja e o Largo do Carmo, elevados sobre a várzea do Tamanduateí e pontos de referência para quem chegava à cidade vindo dos subúrbios ou mesmo do Rio de Janeiro.

Da colina para o espigão

Não faltam referências a essas mudanças apressadas. Estão por todos os lados da cidade. Algumas, mais antigas, são percebidas pelos moradores mais velhos com uma indisfarçada sensação de perda em que se misturam nostalgia e racionalidade. Outras, notadas pelos mais jovens, às vezes com admiração, às vezes com a contrariedade ou resignação dos que acham que, afinal, tudo muda na vida e não há muito o que se possa fazer.

No primeiro caso está, por exemplo, a avenida São João. Por volta de 1880, ela era ainda a “estrada”, que ligava a cidade ao interior, direto do centro da capital até Jundiaí. Por ali passavam tropeiros, comerciantes e viajantes com suas tropas de burros, carros de boi e toda sorte de produtos para vender ou comprar na capital da

Província, de trigo e vinho a banha e carne de porco, de tecidos e roupas a sapatos e chapéus. Com a abertura dos trilhos da Santos-Jundiaí, a cidade cresceu para oeste e a São João virou avenida de fato, ligando o centro aos novos bairros, ricos como Campos Elíseos e Higienópolis, ou populares como Barra Funda e Lapa. Em 1911, foi alargada e nas décadas seguintes ganhou iluminação e tratamento paisagístico. Nos anos de 1940 e 1950, a avenida São João era o principal *boulevard* paulistano, com jardins, praças, lojas, restaurantes e cinemas. Mas esse marco de refinamento urbano teve vida curta. Na década de 1970, construiu-se uma via elevada de concreto sobre a avenida, o sombrio e triste *minhocão*, que, se ajudou o trânsito de veículos, também destruiu uma das mais belas paisagens da cidade.

São Paulo, 450

No segundo caso, o melhor exemplo é sem dúvida o da avenida Paulista. Projetada por Joaquim Eugênio de Lima e inaugurada em 1892, no alto do espigão do Caaguaçu, uma reta de 2,8 quilômetros entre o Paraíso e a Consolação, teve por algumas décadas futuro incerto. Era distante do centro, despertava interesse apenas de imigrantes endinheirados e era usada basicamente por

Folha Imagem



Prefeitura Municipal de São Paulo



Avenida São João – Acima, vista da avenida nos anos 1950, na altura do bairro de Santa Cecília, nas proximidades da praça Marechal Deodoro; abaixo, cena da mesma avenida, tomada quase no mesmo lugar durante a construção do "Minhocão", o elevado Costa e Silva, em 1970.

escassos moradores locais. Incertezas à parte, porém, ela já apontava o novo rumo da expansão da cidade. Na verdade, ela já induzia o próprio deslocamento do seu eixo. Poucas décadas mais tarde, a partir dos anos de 1950 e 1960, a avenida, totalmente repaginada e cercada de prédios no lugar das velhas mansões, assumia seu papel de novo centro comercial e financeiro da capital.

Avenida Paulista: A Síntese da Metrópole



Niels Andreas/Folha Imagem



Avenida Paulista – Acima, panorama da avenida no início dos anos 1950, no sentido do Paraíso para a Consolação, com os primeiros prédios aparecendo entre as árvores e as mansões; abaixo, panorama atual da avenida, visto no sentido contrário, com o seu espaço inteiramente reurbanizado e repovoado.

São Paulo, 450

Tornara-se o terceiro centro da cidade, fazendo-o subir da colina primordial, apumada sobre o Anhangabaú e o Tamanduateí, para o espigão da Paulista, pairando sobre a cidade. O primeiro - o "centro velho" - do colégio dos jesuítas e do triângulo formado pelos largos de São Bento, São Francisco e do

Carmo, durou três séculos e meio. O segundo - o "centro novo" - do outro lado do Anhangabaú em torno da praça da República e ligado ao antigo pelo viaduto do Chá, durou pouco mais de meio século e este, o terceiro - o do "centro expandido" - em torno da Paulista, algumas décadas.

Do espigão para a várzea

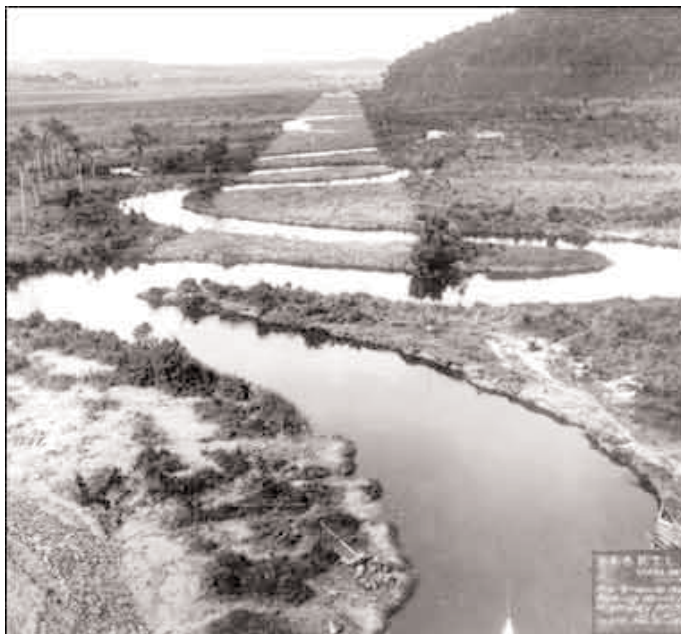
Algumas décadas, sim, porque esse "centro expandido" não tem cessado de alargar-se. A concentração física e econômica na área da Paulista fez irradiar à sua volta uma poderosa dinâmica de adensamento urbano, baseada em investimentos imobiliários, tanto nos bairros vizinhos, como nos mais variados setores de comércio e serviços em grandes artérias da região. Essa dinâmica acabou por extravasar e envolver áreas bem mais distantes que, até pouco tempo, dificilmente seriam cogitadas para a ocupação que hoje apresentam: sobretudo áreas da zona sul, espriadas ao longo do rio Pinheiros. Talvez seja essa a última fronteira de urbanização intensiva do território paulistano.

Sinais precursores desse recente deslocamento do centro dinâmico da capital também não faltaram. E são antigos. Começaram a aparecer com a valorização da longínqua, desabitada e pouco conhecida zona sul a partir da construção do complexo hidrelétrico Billings e da reti-

ficação completa do curso do rio Pinheiros, entre as décadas de 1920 e 1940. Prosseguiram com a construção do aeroporto de Congonhas e com a abertura de novas avenidas, a Santo Amaro especialmente, estimulando a ocupação dos bairros no seu entorno. Ganharam força com a implantação do Parque do Ibirapuera nas comemorações do IV Centenário da cidade, em 1954.

Assim, quando nos anos 1950 o Jockey Club decide sair do velho hipódromo da Mooca, na zona leste, e instalar-se nas margens desertas do rio Pinheiros, e quando, meio século depois, as mesmas margens do rio Pinheiros encontram-se tomadas por largas avenidas marginais, cercadas de prédios de escritórios de grandes empresas nacionais e multinacionais, *shopping centers*, hotéis e condomínios de luxo, não há como deixar de reconhecer o processo havia tanto anunciado. O centro dinâmico da cidade está em deslocamento novamente, e agora estende-se do espigão para a várzea.

TSPTI & P. Co. Ltda.



Matuiti Mayezo/Folha Imagem



Rio Pinheiros – Várzea do rio Pinheiros nos anos 1930, antes da retificação, e vista da mesma várzea na altura do complexo das pontes Eusébio Matoso e Bernardo Goldfarb, em 2003, já consolidada como nova área de expansão urbana.

São Paulo, 450

"Divercidade"

Esse movimento em marcha batida da capital segue, como não poderia deixar de ser, o movimento contínuo e descontínuo do capital, pois é a “força da grana que destrói coisas belas”, como diz Caetano Veloso em *Sampa*, que escolhe os lugares e impõe o ritmo e a forma dos investimentos – menos em função do interesse público e mais na razão dos interesses privados, não raro apresentados como públicos. A cidade ganhou muito, é certo, tanto que atraiu milhões de pessoas para viver nela. Mas também é certo que não perdeu pouco.

De todo modo, foram – e são – mudanças grandes, múltiplas e rápidas, sempre tão rápidas que parecem nunca se completar. Mudanças físicas, com o velho burgo colonial feito de barro dando lugar a uma cidade de cimento e concreto. Mudanças geográficas, com o velho centro

histórico, permanente, substituído por novos centros funcionais, temporários. Mudanças econômicas, com o comércio dando lugar à indústria e esta voltando a perder espaço para o comércio. Mudanças culturais, com a tradição luso-bandeirante das antigas elites provinciais diluída num caldeirão de culturas regionais as mais diversas.

Essa variação enorme de atividades, formas e símbolos de convivência social e política – resultando numa enorme “divercidade” – é certamente a marca mais forte da modernização da capital paulista. É sua identidade presente, sua atual e “mais completa tradução”, voltando a Caetano. É a definição de uma cidade vocacionada, ou destinada, a ser uma cidade mutante. O que pode não ser de todo ruim, desde que ela consiga não ser atropelada pelo próprio destino.

Cleo Velleda/Folha Imagem



Lalo de Almeida/Folha Imagem



Estação da Luz – Outro velho ícone da modernização paulistana; à esquerda, em detalhe, a torre do Relógio e, à direita, o conjunto do edifício com sua fachada recuperada para as comemorações dos 450 anos da cidade, em 2004, primeira parte de um projeto amplo de recuperação e de integração da estação ao sistema urbano de ônibus e metrô, a ser completado em 2006.